Uma Análise Interseccional do Futebol de Mulheres no Brasil

Ana Araújo Silva, aluna bolsista do curso técnico de Informática para Internet integrado ao Ensino Médio no Campus Avançado São Miguel Paulista, aa28silva@gmail.com
Leonardo Alves da Cunha Carvalho, professor orientador no Campus Avançado São Miguel Paulista, leonardo.alves@ifsp.edu.br

RESUMO: O futebol de mulheres é uma modalidade que tem crescido no Brasil no que diz respeito ao número de praticantes, à visibilidade midiática, à estruturação de um mercado profissional de atletas e de espaço nos clubes mais relevantes. Todavia, uma série de barreiras ainda se interpõem à sua consolidação, desde o caráter patriarcal do universo futebolístico a um histórico de proibições, estigmatizações e preconceitos. Levando em consideração que características como gênero, raça e sexualidade interferem na maneira como as jogadoras são reconhecidas, a presente pesquisa utilizará a mídia on-line, feita por portais grandes e pequenos, para entender como essas questões estão relacionadas à prática do futebol mulheres no Brasil. A interseccionalidade será utilizada como abordagem de análise, visando demonstrar e compreender como os marcadores sociais da diferença sociais aparecem de maneiras distintas e devem ter leituras específicas.

PALAVRAS-CHAVE: futebol de mulheres; gênero; interseccionalidade; raça; sexualidade; mídia.

An Intersectional Analysis of Women's Football in Brazil

ABSTRACT: Women's soccer is a modality that has grown in Brazil with regard to the number of players, media visibility, the structuring of a professional market for athletes and space in the most relevant teams. However, a series of barriers still stand in the way of its consolidation, from the patriarchal character of the football universe to a history of prohibitions, stigmatizations and prejudices. Taking into account that characteristics such as gender, race and sexuality interfere in the way players are recognized, this research will use online media, made by portals large and small, to understand how these issues are related to the practice of women's soccer in the Brazil. Intersectionality will be used as an analysis approach, aiming to demonstrate and understand how the social markers of social difference appear in different ways and must have specific readings.

KEYWORDS: women's soccer; gender; intersectionality; race; sexuality; media.

INTRODUÇÃO

No Brasil, o futebol feminino ainda pode ser considerado extremamente precário e amador quando comparado ao masculino. Apesar de nos últimos anos ser mais noticiado e valorizado, o caminho de redução de desigualdades e preconceitos na comparação com a modalidade masculina ainda é longo.

Para entender a maneira como essas desigualdades foram construídas, vale uma contextualização histórica. O primeiro grande jogo de futebol entre mulheres aconteceu em São Paulo, no estádio do Pacaembu, em 1940. Sofreu abordagem negativa por parte da mídia, ao ponto de Getúlio Vargas, presidente à época, escrever um decreto proibindo mulheres de atividades que, segundo ele, não seriam parte da sua natureza – estando o futebol nesse rol de atividades. A proibição acabou em 1979, mas apenas em 1983 modalidade foi regulamentada e surgiram os primeiros times profissionais – cerca de 80 anos depois dos times masculinos.

Considerando os estudos sobre interseccionalidade (CRENSHAW,2002; e, para uma síntese do que antecedeu a elaboração do conceito por Crenshaw, ver KYRILLOS, 2020), voltados para compreender como os marcadores sociais da diferença se entrecruzam e podem produzir modalidades específicas de desigualdade, opressão e exclusão sobre determinados grupos, faz-se necessário avaliar como a mídia se relaciona e discute a pluralidade das mulheres dentro do futebol, espaço visto como masculino e viril, onde elas são cobradas por elementos de feminilidade. Articulando os marcadores de raça, gênero e sexualidade, analisaremos como alguns portais e personalidades, escolhidos por seu conteúdo e/ou relevância no meio, lidam com essas diferenças.

MATERIAL E MÉTODOS

1. Revisão bibliográfica sobre gênero, feminismo, raça, racismo, sexualidade, interseccionalidade, futebol e futebol de mulheres.
2. Pesquisa empírica:

    2.1. Mapeamento de portais on-line sobre futebol e futebol de mulheres. e posteriormente recorte de gênero, raça e sexualidade.

    2.2. Entrevistas com personalidades e pesquisadores que estudem a relação entre futebol e os eixos de recorte.

    2.3. Análise filmográfica de documentários e entrevistas previamente gravadas.
3. Análise de dados:

    3.1. Estabelecimento de relação entre o modo como o futebol de mulheres é enxergado pela sociedade e os três eixos a partir dos quais a análise interseccional será feita.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa ainda não foi finalizada, portanto os resultados ainda não estão completos. Os portais escolhidos para análise foram: o site e *Instagram* do Dibradoras, por ser um dos maiores portais de informação e conscientização sobre o futebol de mulheres, *Instagram* da ex-jogadora Aline Pellegrino, por ser uma jogadora negra extremamente importante para a Seleção Brasileira e trabalhar como Diretora de Futebol Feminino na Federação Paulista de Futebol (FPF), embora atualmente esteja como Coordenadora de Competições Femininas na Confederação Brasileira de Futebol (CBF),

Instagram do Paulistão Feminino, por ser um dos mais elogiados no meio e ter grande fluxo de postagens e/ou eventos, o *Instagram* do Rafael Alves, por ser um homem negro que se define como "scout reporter" (um repórter que lida também com análises e armazenamento de informações), é editor-chefe do Planeta Futebol Feminino e chegou a a ser comentarista de um programa da ESPN dedicado para a discussão sobre jogos feminino, o "Mina de Passe", site e *Instagram* do Planeta Futebol Feminino, também por ser um dos portais mais conhecidos na área, e, por fim, o portal Dona do Campinho, escrito majoritariamente por Cíntia Barlem, hospedado no portal do Globo Esporte, escolhido por ser um dos pouquíssimos grandes sites sobre futebol e/ou esporte com um fluxo continuo de matérias sobre futebol de mulheres.

Considerando a pandemia do COVID-19 como nosso recorte temporal, iniciamos a coleta de dados a partir do dia 16 de março, dia em que a CBF interrompeu os jogos do Brasileirão Feminino, e finalizamos dia 26 de agosto, quando os jogos voltaram a acontecer, com uma exceção aberta para os portais que comentassem como esse retorno estava acontecendo. Durante esse período de tempo, recolhemos os links de todas as matérias e/ou postagens e passamos a dividi-las em categorias. Para os portais cujo tema fosse esportes, primeiro utilizamos um critério básico, dividindo os links a partir da leitura do título e subtítulo/legenda que fizessem menção ou não ao futebol de mulheres, porém para os portais cujo tema fosse propriamente o futebol de mulheres, a divisão foi feita a partir da menção ou não ao futebol brasileiro. Depois disso, utilizamos nossos marcadores, gênero, raça e sexualidade, para dividir ainda mais os links, gerando dez classificações, que são: 1) não fala de futebol de mulheres/brasileiro, nem de gênero/raça/sexualidade; 2) não fala de futebol de mulheres/brasileiro, mas fala de gênero; 3) não fala de futebol de mulheres/brasileiro, mas fala de gênero e raça; 4) não fala de futebol de mulheres/brasileiro, mas fala de gênero e sexualidade; 5) não fala de futebol de mulheres/brasileiro, mas fala de gênero/raça/sexualidade; 6) fala de futebol de mulheres/brasileiro, mas não fala de gênero/raça/sexualidade; 7) fala de futebol de mulheres/brasileiro e de gênero; 8) fala de futebol de mulheres/brasileiro e de gênero/raça; 9) fala de futebol de mulheres/brasileiro e de gênero/sexualidade; 10) fala de futebol de mulheres/brasileiro e de gênero/raça/sexualidade.

CONCLUSÕES

No estágio atual da pesquisa, uma das poucas coisas que podemos concluir é a necessidade, muitas vezes ignorada, de uma perspectiva interseccional. Como explicitado por Kimberlé Crenshaw (2002), a inserção de uma perspectiva de gênero foi amplamente aceita, porém nunca foi suficiente para entender as particularidades de alguns grupos de mulheres, assim como a perspectiva de raça não é suficiente para entender as diferenças dentro de grupos étnico-raciais. Considerando que os marcadores sociais da diferença são igualmente importantes para analisar as condições e especificidades de cada grupo social, mesmo que não sejam igualmente discriminados, há certa exclusão da raça e da sexualidade em alguns discursos dos portais. Mesmo considerando que esses

portais tenham o gênero como temática, ele é majoritariamente discutido sem nenhum recorte relacionado a raça ou sexualidade, o que torna o debate de muitas matérias raso e inválido, já que não se aplica à todas as mulheres.

Além disso, chamo atenção para a discussão de Daniel Welzer-Lang (2009) e o seu conceito de "Casa dos Homens", que seriam os espaços de socialização e manutenção da virilidade masculina, que podem ser desde grupos de conversa online à bares e campos de futebol. Muitas jogadoras começaram a atuar no futebol desde a infância, integrando campos e quadras que eram, e ainda são, regidos por meninos e homens. Parte da socialização dessas mulheres foi, portanto, feita nesses lugares, onde a força, a coragem, o direito à violência e a dominação dos "mais fracos", como mulheres ou homens que não performem a virilidade, são características endeusadas e necessárias. Ao mesmo tempo, para essas jogadoras, é pedido que tenham características como força e agilidade, vistas como masculinas, e que também performem a feminilidade através de corpos esbeltos, cabelos longos e lisos e unhas pintadas. Ainda é necessário entender como essa dualidade se constrói dentro da performance de gênero dessas mulheres, tendo a possível influência da socialização dentro da "casa dos homens".

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas os torcedores - homens e mulheres - que se dispõem a representar o futebol de mulheres por acreditarem no potencial dele, principalmente aos que aceitaram me ajudar com entrevistas, debates e contatos. Agradeço também às jogadoras, às treinadoras, às coordenadoras, às narradoras, às jornalistas esportivas e a todas as mulheres que são corajosas o suficiente para enfrentarem o universo patriarcal do futebol. Por fim, agradeço aos meus pais, aos meus amigos e ao meu orientador, que desde o início concordou com esse projeto e reconheceu sua importância.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rôsangela. Futebol feminino no Brasil: Memória e discursos da imprensa. Fazendo Gêneros 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. Santa Catarina - 2010.

BARRETO, R. D. A. Enegrecendo o Feminismo ou Feminizando a Raça: Narrativas de Libertação em Angela Davis e Lélia Gonzalez. Dissertação de mestrado em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, mar./2005. Disponível em: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.acad.7183>. Acesso em: 3 jul. 2020.

CÁRDENAS, Rámon. FREIRE, Ivete. O esporte como instrumento de mobilidade social. EFDeportes.com, Revista Digital, Ano 18, nº 190. Buenos Aires - 2014.

CONNEL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. “A Questão de Gênero”. In: Gênero – Uma Perspectiva Global:. São Paulo:. nVersos, 2015. p. 29-50.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspecto da discriminação racial relativos a gênero. Estudos Feministas, Califórnia, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2002000100011>. Acesso em: 3 jul. 2020

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELPHY, Christine. Teoria do Patriarcado. 1 ed. São Paulo. In: Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora da Unesp 1. ed. São Paulo: UNESP, 2009. p. 173-178.

FRANZINI, Fábio. Futebol é "coisa pra macho"? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. Revista Brasileira de História. V.25, nº50, p. 315-328. São Paulo - 2005.

GOLLNER, Silvana. Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Ano II, número 4. Brasília – 2014.

GONZALEZ, Lélia.A Mulher Negra na Sociedade Brasileira. In: Primavera para rosas negras. 1. ed. São Paulo: Diáspora Africana, 2018. p. 34-53.

JOVCHELOVITCH, Sandra & BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W. & GASKELL, George. Metodologia qualitativa com imagem, texto e som. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 90-113.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. 1. ed. São Paulo: In: Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2009. p. 67-77.

KESSLER, Cláudia. Mais que barbies e ogras: Uma etnografia do futebol de mulheres no Brasil e nos Estados Unidos. Tese de doutorado em Antropologia. UFRGS. Porto Alegre - 2015.

KYRILLOS, Gabriela M. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 1, mar./2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n156509. Acesso em: 3 jul. 2020.

LINS, Beatriz Accioly; MACHADO, Bernardo Fonseca; ESCOURA, Michele. Gênero e o movimento pelos direitos das mulheres. In: Diferentes, não desiguais: A questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016. p. 25-38.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. Feminilidade, masculinidade, virilidade. In: Dicionário Crítico do Feminismo. São Paulo: Editora da Unesp, 2009. p. 101-105.

PISANI, Mariane. Futebol feminino: espaço de empoderamento para mulheres das periferias de São Paulo. Ponto Urbe - Revista do núcleo de antropologia urbana da USP, Ponto Urbe 14. São Paulo - 2014.

SANDES, Leslie. As meninas no futebol e o caso das Sereias da Vila. USP, FFLCH. São Paulo, 2011.

SARDENBERG, Cecília M.B. Conceituando "Empoderamento" na Perspectiva Feminista. Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia, Bahia, out./2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>. Acesso em: 3 jul. 2020.